

Daniel Chacon<sup>1</sup>

**“Ama ut intelligas”: fé, razão e amor no *De trinitate* de Santo Agostinho<sup>2</sup>**

**Resumo:** O objetivo deste artigo consiste em realizar uma investigação introdutória ao problema de Deus a partir da via anagógica proposta na obra *De Trinitate*, de Santo Agostinho. Com efeito, a inteligência da fé que age no amor conduz o ser humano a uma recordação da presença do amor mesmo que é Deus. Nesse cenário, portanto, vislumbra-se certo vestígio do *mysterium Trinitatis*. O método proposto neste labor acadêmico será o da revisão bibliográfica. As considerações desenvolvidas nesta pesquisa, no entanto, situam-se na perspectiva de que a síntese agostiniana entre fé e razão, transpõe, pois, a uma simples adequação intelectual da razão à fé, exigindo, assim, uma vida no amor.

**Palavras-chave:** *De Trinitate*, fé e razão, *ama ut intelligas*, via anagógica, conhecimento de Deus.

**Abstract:** The aim of this paper is to perform an introductory investigation into the problem of God from the anagogical way proposed in the work *De Trinitate*, by Saint Augustine. In fact, the intelligence of faith that works in love leads the human being to a memory of the presence of love itself, which is God. Thus in this scenario there is a glimpse of a vestige of the *Trinitatis mysterium*.

<sup>1</sup> Professor Efetivo e Pesquisador da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG

<sup>2</sup> Este artigo é uma adaptação de um excerto da Dissertação, de nossa autoria, intitulada *Fé e Razão, a partir da obra De Trinitate, de Santo Agostinho*. A pesquisa aqui realizada contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

The method that is proposed in this work will be a literature review. However, the considerations developed in this research are settled in the perspective that the Augustinian synthesis between faith and reason transposes a simple intellectual adequacy of reason to faith, but it requires a living in love.

**Keywords:** De Trinitate, Faith and Reason, *ama ut intelligas*, anagogical way, knowledge of God.

### Introdução

Santo Agostinho, o grande Doutor ocidental, como é conhecido na tradição cristã, foi o responsável por erigir a primeira grande síntese teológico-filosófica. À luz das correntes do pensamento patrístico grego e latino, ele realizou uma ampla conciliação do dilema fé e razão. A síntese por ele proposta tornou-se a forma mais elevada de especulação filosófica e teológica que a antiguidade tardia desenvolveu, e seu “filosofar na fé” veio a ser, certamente, um predicado indelével da inteligência cristã<sup>3</sup>.

Sob os influxos da religião cristã, Santo Agostinho se entrega ao pensamento dos problemas fundamentais da antiguidade tardia, realizando uma síntese especulativa fundada na noção de Deus como *arx philosophiae*, isto é, o ápice da filosofia.

No *De Trinitate*, a relação entre fé e razão não se dá apenas em termos gerais, conquanto ela se exercite e se apure na singularidade de uma procura piedosa e diligente pelo Deus-Trindade. O exercício despendido para alcançar, quanto possível, o *mysterium Trinitatis*, estabelece o tom da harmonia entre as exigências da racionalidade e a dimensão da fé. Por conseguinte, a ideia do amor verdadeiro – *vero dilectio* ou *caritas* – apresenta-se como a via privilegiada para alcançar o conhecimento da mais complexa realidade para os ditames da razão humana: a Trindade.

<sup>3</sup> Cf. João Paulo II, *Fides et ratio*, II, 25.

### **Fé, razão e amor no *De Trinitate***

A obra *De Trinitate*<sup>4</sup> emerge como esforço investigativo em relação a uma questão essencial para a mentalidade cristã, a saber: a inteligência da fé trinitária. As categorias conceituais utilizadas para tentar expressar este dilema, não foram outras que as da filosofia na antiguidade. Ora, o próprio esforço de sistematizar os conteúdos da fé cristã de modo a responder às exigências singulares da racionalidade helenística constitui, por si mesmo, uma herança característica do espírito especulativo que perpassa a filosofia.

Agostinho retomou os dilemas a respeito da inteligência da fé e procurou refleti-los, a fim de demonstrar as razões da crença cristã. Para tanto, apropriou-se das produções teológico-trinitárias desenvolvidas nos primeiros séculos da era comum. O bispo de Hipona intentou, então, aprofundá-las e, quanto possível, superá-las. Ancorado, pois, na tradição patrística que o precedeu, empenhou-se na demonstração das razões do dogma trinitário:

<sup>4</sup> Agostinho escreveu o *De Trinitate* entre 399 e 419 da era cristã (cf. S. Lancel, *Saint Augustin*, Arthème Fayard, Paris 1999, p. 742). Com efeito, ele se refere a esses vinte anos de reflexão nos seguintes termos: «Ainda jovem comecei e velho concluí a edição de alguns livros acerca da Trindade, que consiste no Deus sumo e verdadeiro. Deixara de citar essa obra, desde que descobri que haviam me subtraído os livros antes de terminá-los, corrigi-los e revisá-los, como era meu propósito» (cf. *Epistula CLXXIV*. Tradução nossa, a partir da tradução espanhola da Biblioteca de Autores Cristianos). Nas *Retractationum*, ele acrescenta alguns pormenores desse fatídico episódio do furto de certos livros do *De Trinitate*. Conforme narrou, antes mesmo de terminar o livro XII, alguns que ardentemente desejavam possuir a obra subtraíram os livros ainda passíveis de revisão. Agostinho pensou, assim, em deixar a situação como estava e se conformou em explicitar o ocorrido em alguma outra obra. Contudo, a pedido de alguns estimados companheiros, ele decidiu corrigir as cópias que ainda guardava consigo, completá-las e publicá-las, como aqueles aguardavam (cf. *Retractationum* II,15,1).

Se esta natureza é a Trindade é o que devemos agora demonstrar, não só aos que pensam à luz da fé, mas também aos que pensam à luz da inteligência: aos primeiros, por meio da autoridade da Sagrada Escritura, aos segundos, por alguma explicação racional, seu eu for capaz<sup>5</sup>.

Por isso, com a ajuda do Senhor nosso Deus, ousaremos, na medida das nossas possibilidades, dar uma explicação, precisamente aquela que eles reclamam: porque é a Trindade um só e único e verdadeiro Deus, e com quanta justeza se diz, crê e entende que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são de uma única e mesma substância ou essência<sup>6</sup>.

A menção inicial da tarefa estabelece o próprio caminho a ser percorrido: uma investigação que apresenta as razões da fé trinitária a partir da plena dependência de Deus (dimensão da fé) e da capacidade humana (dimensão da racionalidade), salvo suas próprias limitações. Seu programa consiste, portanto, em: (1) assumir, através da fé, a revelação das Escrituras (*credatur*); e, posteriormente, (2) buscar compreender aquilo em que se crê (*intelligatur*)<sup>7</sup>. Em decorrência disso, a relação fé e razão conduz todo o empreendimento.

Pois bem, apesar de seu esforço, Agostinho não pretendeu conhecer e explicar a realidade da Trindade em si mesma, desvelando todo o seu mistério. O próprio Agostinho declara os limites do pensamento humano, ao se referir a Deus como aquele «[...] em quem devemos pensar sempre e em quem não podemos pensar dignamente [...]»<sup>8</sup>. Insuficiente, também, é a própria linguagem humana incapaz de expressar o mistério inefável: «[...] a quem, enunciando-o, não se adequa nenhuma palavra»<sup>9</sup>. Santo

<sup>5</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, XV, 1, 1.

<sup>6</sup> *Ibidem*, I, 2, 4.

<sup>7</sup> “A fé em busca de entendimento” é, assim, uma marca indelével do *De Trinitate*. Nesse sentido, Gareth B. Matthews indica que a noção da fé em busca de entendimento em Santo Agostinho parece significar: (1) uma fé em busca de métodos racionais para remover os obstáculos à fé; (2) uma fé em busca do entendimento do que deve ser a natureza de Deus; (3) uma fé em busca do entendimento daquilo em que se acredita (cf. G. Matthews, «Fé e razão», in *Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*, trad. de Á. Cabral, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2007, pp. 142-147).

<sup>8</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, V, 1, 1.

<sup>9</sup> *Ibidem*, V, 1, 1.

Agostinho, portanto, estava consciente das limitações humanas, ainda que a inquietação de sua alma o conduzisse à busca do conhecimento de Deus: «Na verdade estou consciente não só da minha vontade, mas também da minha insuficiência»<sup>10</sup>.

No *Sermo CXVII*, ele lança alguma luz ao que se quer destacar aqui, ao falar acerca do conhecimento de Deus: «Falamos de Deus; qual é a admiração se não compreendes? De fato, se compreendes, não é Deus»<sup>11</sup>. Nesse excerto, ele enfatiza a absoluta transcendência de Deus em relação ao conhecimento humano. No cenário, pois, em que o aspecto inefável do mistério de Deus prevalece, não resta outra alternativa senão o silêncio contemplativo.

O ardente desejo de conhecer a Deus, não obstante, constitui um aspecto inegável da filosofia agostiniana. Em uma de suas mais célebres expressões, Agostinho declarou: «[...] porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração se inquieta enquanto não repousar em ti»<sup>12</sup>. A fonte desta inquietação da alma humana provém, conforme ele mesmo compreendeu, do próprio Deus. No *De beata vita* Agostinho disse:

Mas certo aviso que nos admoesta a recordarmos de Deus, a buscá-lo, a desejá-lo sem indiferença, nos vem da fonte mesma da verdade. Aquele sol<sup>13</sup> escondido irradia esta claridade em nossos olhos interiores<sup>14</sup>.

A questão, portanto, é paradoxal<sup>15</sup>. O ser humano possui em si um desejo de compreender o incompreensível. Como, por

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Agostinho de Hipona, *Sermo CXVII*, 3, 5. Tradução nossa, aqui e alhures. Os sermões citados ao longo desta pesquisa remetem à tradução da série Biblioteca de Autores Cristianos, cf. Bibliografia.

<sup>12</sup> Agostinho de Hipona, *Confessionum*, I, 1,1.

<sup>13</sup> A referência, aqui, ao sol remonta à imagem platônica (cf. Platão, *A República*, VII, 515e e seguintes), agora interiorizada por Agostinho. No uso deste, o sol refere-se a Deus, fonte inesgotável e luz interior.

<sup>14</sup> Agostinho de Hipona, *De beata vita*, IV, 35.

<sup>15</sup> Conforme descreve Félix Pastor, o axioma fundamental da lógica de afirmação da fé cristã é a concepção de equivalência entre o *revelatus Dei* e o *absconditus Dei*. Aqui residiria o paradoxo primordial da linguagem teológica

exemplo, compreender em conjunto aquilo que a razão parece não conseguir formular em conjunto? Dito de outro modo, como compreender o mistério aparentemente insondável da “união inefável” que faz do Pai, Filho e Espírito Santo uma Trindade una e uma Unidade trina?<sup>16</sup>

Côncio da impossibilidade de penetrar nas profundezas deste mistério, ele não pretendia esgotá-lo. Antes, suas forças se concentram em assumir o paradoxo como tal. Conforme Agostinho, o modo de buscar o incompreensível envolve, pois, por si mesmo, o paradoxo. Nesse sentido, o *De Trinitate* adverte:

Na verdade, é assim que devem ser procuradas as coisas incompreensíveis, para que não julgue nada ter encontrado aquele que teria podido encontrar quanto é incompreensível aquilo que procurava. Porque é que então procura assim, se compreende que é incompreensível aquilo que procura, a não ser porque não se deve desistir durante o tempo em que se progride na procura das coisas incompreensíveis, e se torna cada vez melhor que procura um tão grande bem, o qual se procura para o encontrar e se encontra para o procurar? Na verdade, por um lado procura-se para se encontrar com maior doçura, por outro, encontra-se para se procurar com maior ardor<sup>17</sup>.

Na acepção agostiniana, o incompreensível não rejeita o ser humano, antes se abre como um efeito em que o que se encontra conduz a procurar, e o que se procura o conduz a encontrar, isto é, aquele que se esforça para buscar a Deus deve saber que Ele é buscado para ser encontrado e, encontrado para ser buscado com mais ardor e diligência ainda. Tal é, por conseguinte, o movimento da fé que conduz à inteligência. O ser humano, diante do incompreensível deve, então, aplicar-se numa busca incessante em direção a uma promessa apontada pela fé. Nesse sentido, a inteligência surge como recompensa da própria fé - *intellectus*

cristã, a saber: a tensão entre a revelação de Deus e o mistério de Deus (cf. F. A. Pastor, «Il Dio della rivelazione», in R. Latourelle, *Dizionario di teologia fondamentale*, Cittadella Editrice, Assisi 1990, p. 325).

<sup>16</sup> Cf. J. M. S. Rosa, «Introdução», in *Santo Agostinho. Trindade – De Trinitate*, Prior Velho 2007, p. 28.

<sup>17</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, XV, 2,2.

*merces est fidei*<sup>18</sup>. A esse respeito, Agostinho, num de seus sermões, afirma: «A fé vai à frente, seguida da inteligência [...]»<sup>19</sup>.

Ora, é o próprio *intellectus fidei*, enquanto compreensão amorosa da revelação cristã, que o induziu a se aprofundar, até o possível, naquilo em que se crê. Por essa razão, Agostinho, na conclusão da obra, expressou: «[...] procurei-te e desejei ver com a inteligência aquilo em que tenho crido [...]»<sup>20</sup>. No *De libero arbitrio*, Agostinho tematizou a questão afirmando:

O próprio nosso Senhor, tanto por suas palavras quanto por seus atos, primeiramente exortou a crer àqueles a quem chamou à salvação. Mas em seguida, no momento de falar sobre esse dom precioso que havia de oferecer aos fiéis, ele não disse: “A vida eterna consiste em crer”, mas sim: “A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, único Deus verdadeiro e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo”. Depois disse àqueles que já eram crentes: “Procurai e encontrareis”. Pois não se pode considerar encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender<sup>21</sup>.

A fórmula *credo ut intelligam, intelligo ut credam*, isto é, “creio para compreender e compreendo para crer”, enquanto síntese do método agostiniano, encontra, nas páginas do *De Trinitate*, sua mais plena realização. Nesse sentido, a referida obra expressa uma relação dialética<sup>22</sup> entre fé e razão que se situa na esteira da investigação da fé trinitária confessada por Santo Agostinho:

<sup>18</sup> A compreensão da inteligência como recompensa da fé merece explicitação agostiniana no comentário ao evangelho de João: “*Intellectus enim merces est fidei*” (*In evangelium Ioannis*, XXIX, 6).

<sup>19</sup> Agostinho de Hipona, *Sermo CXVIII*, 1.

<sup>20</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, XV, 28, 51.

<sup>21</sup> Agostinho de Hipona, *De libero arbitrio* II, 2, 6. Aqui e alhures, a tradução a essa obra remete a *O livre arbítrio*, da série Patrística, Editora Paulus.

<sup>22</sup> A pluralidade de significações do termo “dialética” é evidenciada ao longo do próprio *corpus* agostiniano. Assim, qualquer definição deste termo, interpretada de maneira unívoca na obra agostiniana, apresenta-se como inverossímil (cf. A. D. Fitzgerald, *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*, Editorial Monte Carmelo, Burgos 2001, pp. 394-398). Apesar da complexidade de significações e das utilizações plurais deste termo na reflexão agostiniana e na própria tradição filosófica, “dialética” se emprega, neste artigo,

A fé procura, a inteligência encontra; por isso diz o profeta: “Se não acreditardes, não compreendereis”. E, de novo, a inteligência procura ainda aquele que encontrou, “porque Deus lançou o seu olhar sobre os filhos dos homens”, como se canta no Salmo sagrado: “Para ver se há alguém inteligente ou que procure Deus”. Portanto, é para isto que o homem deve ser inteligente, a fim de que procure Deus<sup>23</sup>.

Acima de tudo, a esta realidade, ou seja, à busca fervorosa e perseverante por Deus aplica-se o que Agostinho disse em uma de suas cartas: «ama muito a inteligência»<sup>24</sup>. Dessa forma, a relação entre fé e razão no *De Trinitate* não se dá apenas em termos gerais; antes, ela se exercita e se apura na particularidade desta procura piedosa e diligente pelo Deus-Trindade. Na verdade, o *De Trinitate* situa-se nesse campo. Nessa obra, as razões da fé cristã são comunicadas via discurso doxológico. A riqueza da obra consiste justamente na relação existente entre a racionalidade especulativa e a oração. De fato, Agostinho entrelaçou o exercício racional na busca pela compreensão de Deus com o cultivo de uma vida piedosa. Assim, escrever acerca do mistério trinitário consiste, antes de tudo, interpela o ser humano, pois, paradoxalmente, o *mysterium Trinitatis* se dá a pensar.

Dessa forma, para expressar a inteligência da fé cristã, Santo Agostinho, no *De Trinitate*, percorre basicamente dois caminhos distintos, porém, relacionados<sup>25</sup>, a saber: (1) na primeira parte da obra (livros I-IV), procura demonstrar as razões da fé trinitária a partir da autoridade das Escrituras. Nessa seção, interpretou os *vestigia Trinitatis* presentes nas teofanias bíblicas, a fim de refutar

em seu sentido puramente dialógico, ou seja, numa relação na qual se estabelece uma espécie de acordo e mutualidade (cf. J. F. Mora, *Dicionário de filosofia*, trad. de M. S. Gonçalves, et al., Ed. Loyola, São Paulo 2000, pp. 718-727). Dessarte, a presente pesquisa pressupõe uma relação de mutualidade no centro do nexa entre fé e razão proposto por Agostinho, transcendendo, assim, a mera aproximação de termos completamente distintos e independentes.

<sup>23</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, XV, 2, 2.

<sup>24</sup> Agostinho de Hipona, *Epistula CXX*, 3, 13. Tradução nossa, a partir do espanhol, da série *Obras de San Agustín*.

<sup>25</sup> Cf. M. Mellet – T. Camelot, «Introduction de la Trinité», in Saint Augustin, *Oeuvres de Saint Augustin: La trinité: livres I-VII*, trad. et notes par M. Mellet et T. Camelot, Institut d'Etudes Augustiniennes, Paris 1997, p. 18.



quaisquer heresias que negassem a união inefável do Pai, Filho e Espírito. A intenção de Agostinho era, pois, demonstrar a igualdade e a unidade na Trindade; (2) na segunda parte (livros V-XV), assim como a primeira, procura expressar a inteligência da fé, porém, o caminho a ser seguido consistirá no pleno exercício especulativo.

A exegese empreendida na primeira parte o direcionará a uma fenomenologia do homem interior. Mas, não sem antes tratar do problema relativo à terminologia trinitária. Com efeito, a segunda parte se subdivide em outras duas.

O problema em voga nos livros V-VII consiste na linguagem do mistério. Agostinho irá reinterpretar a linguagem e as categorias da própria filosofia grega. Nesse sentido, a ideia de relação foi revista à luz do dogma trinitário. Segundo ele, a relação em Deus não poderia ser compreendida como mero acidente. Diante disso, ele postulou a existência de relações essenciais. O esforço, pois, de sustentar uma ontologia relacional consistiu numa verdadeira revolução no ser<sup>26</sup>, ou nas palavras de J. Ratzinger: «Essa afirmação equivale a uma revolução da visão do mundo: o domínio absoluto da ideia de substância está abalado e está descoberta a relação como um modo de ser original e equivalente do real»<sup>27</sup>.

num ato singular de profunda devoção.

Outra importante questão a ser mencionada é a via apofática sugerida por Agostinho. De fato, esta sugestão não é uma propriedade exclusiva do *De Trinitate*. Em um de seus primeiros escritos, o *De Ordine*, Agostinho já adiantava: «[...]o Deus supremo que melhor se conhece ignorando»<sup>28</sup>. Com efeito, ele não realizou aqui apenas uma assertiva pontual, uma sugestão distante de sua procura por Deus. A teologia negativa se tornaria um importante aspecto de seu método teológico, conforme atesta o próprio *De*

<sup>26</sup> Cf. Rosa, «Introdução», cit., 2007, p. 31.

<sup>27</sup> J. Ratzinger, *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*, trad. de A. J. Keller, Ed. Loyola, São Paulo 2005 (7ª ed.), p. 137.

<sup>28</sup> Agostinho de Hipona, *De Ordine*, II, 16, 44. Tradução nossa, a partir da tradução da versão francesa *L'Ordre*.

*Trinitate*. Ora, não por acaso ele diz: «Não é conhecimento de somenos quando, deste abismo, aspiramos a essas alturas se, antes de podermos saber o que é Deus pudermos saber já o que não é»<sup>29</sup>.

A especificidade de sua teologia negativa requer, entretanto, uma análise mais acurada, a qual escapa das pretensões deste artigo. Contudo, seria problemático tratar das questões sobre fé e razão sem antes esclarecer que sua teologia negativa não consiste numa recusa cética ou fideísta à reflexão dos dilemas vinculados à essência e existência de Deus. Com efeito, apenas após ter extenuado a linguagem, tendo dito tudo o que se poderia dizer quanto ao mistério, é que se deve recolher em silêncio diante dessa realidade que

Nos livros VIII-XV, Agostinho procura, no mais profundo íntimo da alma humana, achar analogias capazes de clarificar o mistério trinitário. Os livros VIII e XV possuem, cada qual, uma característica singular: neste, o autor realiza uma síntese do caminho percorrido nos catorze livros anteriores, enquanto naquele salta uma preocupação metodológica de realizar uma transição entre as subdivisões.

Dessarte, os livros VIII-XV explicitam o modo como fé e razão se coordenam em direção ao conhecimento de Deus.

Santo Agostinho iniciou, assim, o *De Trinitate* como um esforço exegético, a fim de encontrar, nas Escrituras Sagradas, os *vestigia Trinitatis*. Desde os primeiros livros a relação entre crer e pensar e aquela entre o próprio *mysterium fidei* e o *cogitatio fidei* são postas em evidência. Apesar do valor atribuído aos vestígios trinitários presentes nas Escrituras, percebem-se, contudo, os limites e a própria insuficiência de tal exegese. Conforme Agostinho, pretender deduzir a Trindade de uma leitura estritamente externa, neste caso, apenas da interpretação das teofanias bíblicas, seria insuficiente. Logo, sem abdicar das conquistas de sua exegese, ele reconheceu a necessidade de percorrer caminhos mais profundos no intuito de assegurar a Trindade una e a Unidade trina em Deus.

<sup>29</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, VIII, 2, 3.

Agostinho, portanto, conduz o leitor a duas vias em sua investigação, a saber: a da analogia com a alma humana e a via anagógica da fé que age no amor<sup>30</sup>. Efetivamente, parte das relações amorosas intersubjetivas (via anagógica) em direção a uma metafísica da interioridade. Ora, a despeito da indigência do conhecimento humano, o *De Trinitate* reconhece, na criatura humana, as condições necessárias para vislumbrar a inteligência do mistério trinitário. Além disso, é nela própria, ou seja, no mais íntimo da alma humana, que se encontram os vestígios da Trindade (via analógica).

Ainda, a tentativa anterior de expressar o mistério por meio de conceitos filosóficos também se mostrou ineficaz. Nesse sentido, as considerações realizadas nos livros V-VII conduziram-no a um dilema conceitual aparentemente insolúvel. À vista disso, Agostinho concluiu que: «Quando, porém, se pergunta: três que? A linguagem humana debate-se com uma enorme indigência. Contudo, foi dito três Pessoas não para o dizer, mas para que não se deixasse de o dizer»<sup>31</sup>.

O *mysterium fidei* não se reduz a um teorema matemático. Assim, a investigação agostiniana não consiste na resolução de uma equação, nem sequer na construção de argumento meramente lógico para sustentar os dogmas da fé, mas na busca do *bonum beatificum*. O que se procura não é algo, mas alguém, não é apenas um conceito abstrato, mas uma face que interpela existencialmente a quem a procura<sup>32</sup>.

Se a linguagem humana conduz inevitavelmente a uma aporia, o que resta então fazer? O fracasso em expressar verbalmente o mistério da fé conduz Santo Agostinho a uma reorientação

<sup>30</sup> Cf. L. B. de Souza, *A fé trinitária e o conhecimento de Deus: estudo do De Trinitate de Santo Agostinho*, Ed. Loyola, São Paulo 2013, pp. 237-245.

<sup>31</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, V, 9, 10.

<sup>32</sup> Santo Agostinho identifica o Sumo Bem, isto é, o Bem beatificador com o próprio Deus-Trindade: «Afasta umas e outras e vê, se és capaz, o bem em si; deste modo verás a Deus, não Bem por outro bem, mas Bem de todo o bem» (Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, VIII, 3, 4).

metodológica: a questão, antes tratada no domínio teórico é, agora, redirecionada para o domínio da ação. A relação trinitária deverá ser compreendida a partir da ação amorosa. É, pois, na ação que as relações se vinculam concretamente e não no plano abstrato do discurso. E mais, conforme Agostinho compreendia, a expressão máxima da ação é o amor. Assim sendo, o caminho indicado por ele precisa dar-se, inicialmente, nas relações amorosas intersubjetivas<sup>33</sup>.

Na via do amor, uma importante questão se impõe: como é possível, pois, amar o que não se pode ver? Pois bem, Santo Agostinho responde sem hesitação a essa questão: «Portanto, ama-se também aquilo que se desconhece, mas em que, todavia se crê»<sup>34</sup>. Sendo assim, ele afirma que, «[...] se não for amado pela fé, o coração não poderá ser purificado para estar preparado e apto para o ver»<sup>35</sup>.

Em Santo Agostinho, o amor verdadeiro – *vero dilectio* ou *caritas* – é, por si mesmo, uma via privilegiada de conhecimento da realidade mais complexa para a razão humana: a Trindade. Nesse sentido, no *De Trinitate*, o alcance do mistério Divino implica necessariamente a vivência do amor. Decerto, a máxima *credo ut intelligam* poderia ser reescrita, porém agora nos seguintes termos: *ama ut intelligas*, isto é, no sentido de que se deve, não apenas «crer para compreender», mas também «amar, a fim de compreender»<sup>36</sup>. Dessa forma, o amor deve ser interpretado como condição indeclinável para o alcance da plenitude das verdades anunciadas pela revelação cristã e que, com humildade e segurança, são assumidas pela fé.

Em face da impossibilidade de o ser humano, nesta vida, contemplar a Verdade em si mesma, é necessário, então, firmar-se numa adesão amorosa ao Deus-Trindade, na profunda expectativa de um dia, enfim, poder contemplá-Lo como de fato é. Na clássica

<sup>33</sup> Cf. Rosa, «Introdução», cit., p. 34.

<sup>34</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, VIII, 4, 6.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> Cf. J.-L. Marion, «Christian Philosophy and Charity», *Communio: International Catholic Review* 19, 3 (1992) 463-473.

definição do apóstolo Paulo, esse anseio assume uma vívida esperança: «Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido»<sup>37</sup>.

Apesar da incapacidade da existência humana de alcançar, por méritos próprios, esse feito, convém ao homem permanecer no amor, pois é pela via do amor que este ser inábil e desvalido se relaciona com o Eterno. Conforme as Escrituras: «Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele»<sup>38</sup>. O conselho aqui expresso é deveras assumido por Agostinho que, a partir dessa passagem, formula uma insigne máxima teológica: «se vês o amor, vês a Trindade»<sup>39</sup>. Ainda, sem subverter o sentido e, conseqüentemente, a riqueza desse aforismo, a fórmula condicional da frase pode muito bem ser pensada num viés afirmativo, a saber: «Amas e verás a Trindade»<sup>40</sup>.

Nesse sentido, a vida no amor verdadeiro envolve a recordação da presença do amor mesmo que é Deus. Segundo a reflexão agostiniana, o conhecimento do amor implica o conhecimento de Deus e a vida no amor também inclui a vida em Deus e, por conseguinte, a vida na Trindade que é Deus. A adesão a Deus é, portanto, uma adesão ao amor e, por essa razão, o conhecimento de Deus exige do ser humano um retorno a si mesmo, à sua interioridade, a fim de encontrar a fonte mesma de todos os amores<sup>41</sup>.

Por isso, aqueles que buscam a Deus por meio dos poderes que governam o mundo ou partes do mundo afastam-se dele e são projectados para longe, não na distância do lugar, mas das diversidades dos afectos; pois esforçam-

<sup>37</sup> 1Coríntios 13,12.

<sup>38</sup> 1João 4,16.

<sup>39</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, VIII, 8,12.

<sup>40</sup> Cf. J. M. S. Rosa, *Vês verdadeiramente a Trindade se vês o amor*, Universidade da Beira Interior, Covilhã 2008, p. 4.

<sup>41</sup> Cf. E. B. Teixeira, *Imago Trinitatis: Deus, filosofia e felicidade. Um estudo teológico sobre o De Trinitate de Santo Agostinho*, EDIPUCRS, Porto Alegre 2003, p. 146.

se por sair para o exterior e abandonam a morada interior onde Deus se encontra<sup>42</sup>.

Não restam dúvidas de que a concepção agostiniana da Trindade como amor tornou-se, para a história do pensamento cristão, um legado indelével de sua reflexão. Quanto à inteligência patrística, apenas em Santo Agostinho a *pericórese* trinitária, ou *circumincessio* – a “dança” ou o “movimento” de interrelação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo no âmago da Trindade – é apresentada na fórmula: o que ama, o amado e o próprio amor<sup>43</sup>.

Nessa expressão, encontra-se uma das mais belas alegorias da sabedoria cristã. Santo Agostinho desenvolve aí um paralelismo analógico entre a dinâmica do amor humano e a natureza pericóretica da Trindade. No ato de amar estão presentes uma unidade e uma diversidade estruturais que evocam a essência Una e Trina de Deus. A estrutura, portanto, que compõe este ato é dada como um reflexo metafísico da própria Trindade<sup>44</sup>.

Santo Agostinho compreendeu, assim, que na reciprocidade humana do amor verdadeiro existe certa equivalência com o *mysterium Trinitatis*. O ímpeto de amor que une os corações dos seres humanos em um só coração figura a mais perfeita unidade que, indubitavelmente, se dá na relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ainda, as três realidades que constituem o ato de amar – «aquele que ama, aquilo que é amado e o próprio amor»<sup>45</sup> – desvelam também a diversidade existente na vida trinitária. Dessa forma, o amor intersubjetivo revela um vestígio da Trindade.

<sup>42</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, VIII, 7,11.

<sup>43</sup> Cf. Rosa, *Vês verdadeiramente a Trindade se vês o amor*, cit., p. 4.

<sup>44</sup> Cf. N. Blázquez, «El concepto de sustancia según San Agustín: los libros *De Trinitate*», *Augustinus* 14 (1969), p. 344. E, nesta mesma página: «Por una parte, la mente y el amor son un espíritu, una esencia y no dos esencias. Por otra el amante y el amor, o lo que es igual, el amor y lo que se ama, son dos realidades que forman una cierta unidad al tiempo que se dicen una relación mutua. El que ama, ama por amor, y el amor pertenece a alguien que ama. No existe amor sin amante, ni amante sin amor. En cuanto que se dicen relación mutua son dos realidades distintas, pero en sí considerados ambos extremos son un solo espíritu».

<sup>45</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, VIII, 10,14.

Convém agora esclarecer, ainda que brevemente, o que Santo Agostinho considera como amor verdadeiro em sua argumentação no livro VIII do *De Trinitate*. A esse respeito, declara: «O que é o amor, ou a caridade, que a Sagrada Escritura tanto louva e tanto proclama senão o amor do bem?»<sup>46</sup>. O amor é uma vida unificadora que atua nas relações humanas<sup>47</sup>. Essa vida, insiste Agostinho, se constitui na verdade e na justiça: «Ora o verdadeiro amor consiste em, aderindo à verdade, *vivermos justamente* e, por isso, desprezarmos tudo quanto é mortal por amor dos homens, amor no qual queremos que eles vivam justamente»<sup>48</sup>. O verdadeiro amor é, pois, a via de acesso ao conhecimento trinitário, que transforma integralmente a existência, a ponto de tornar o ser humano melhor do que era antes de conhecer a Deus<sup>49</sup>.

Nesse cenário, Santo Agostinho instrui seus leitores sobre a necessidade de viver o amor verdadeiro, alegando que, conforme as Sagradas Escrituras, aquele que ama seu irmão nasceu de Deus e ao próprio Deus conhece:

Que ninguém diga: não sei o que amar. Ame o irmão e ame o próprio amor; melhor conhecer o amor com que ama do que o irmão a quem ama. E pode ter de Deus um conhecimento mais preciso do que o tem do irmão, seguramente mais preciso, porque mais presente, mas preciso, porque mais íntimo, mais preciso, porque mais seguro. Tu, abraça a Deus amor e abraça a Deus com amor<sup>50</sup>.

Logo, é na via anagógica, ou seja, no movimento de ascensão amorosa para o Deus-Trindade, que Agostinho sugere ter encontrado o ponto de partida de sua difícil investigação:

Mas descanse aqui um pouco nossa atenção, não por julgar que encontrou já o que procura, mas como costumamos encontrar um lugar quando temos

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Cf. Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem, VIII, 7, 10.

<sup>49</sup> Cf. Ibidem, IX, 11, 16.

<sup>50</sup> Ibidem, VIII, 8, 12.

de procurar alguma coisa. Essa coisa ainda não foi encontrada, mas já se encontrou onde procurar. Bastará ter dito isto para tecermos o resto como que do início da urdidura<sup>51</sup>.

A reflexão agostiniana no *De Trinitate* se dá, portanto, em estreita relação com a ideia de *vero dilectio* descrita também como *caritas*. Muito embora Deus não possa ser conhecido numa relação face a face, convém amá-lo acima de tudo. Novamente, retoma-se a pergunta: mas como é possível amar o que não se pode ver? Outra vez se afirma: não há outro caminho para a realização desse feito além da fé: «A fé, portanto, é indispensável para o conhecimento e o amor de Deus, não como absolutamente desconhecido ou absolutamente não amado, mas para que mais claramente seja conhecido e mais firmemente seja amado»<sup>52</sup>.

### Considerações finais

De acordo com o *De Trinitate*, a fé ultrapassa, pois, uma simples concordância intelectual com a revelação cristã. Conforme explicitado, crer em Deus significa penetrar no seu mistério de amor. Certamente, a máxima *credo ut intelligam* pode também ser pensada nos seguintes termos: *ama ut intelligas*, isto é, “ame para compreender”. Nesse sentido, a via da fé que age no amor verdadeiro conduz o ser humano a uma recordação da presença do amor mesmo que é Deus. A partir daí, vislumbrou-se, então, certo vestígio do *mysterium Trinitatis*, manifesto na trindade do amor: aquele que ama, aquilo que é amado e o próprio amor.

Contudo, se faz necessário, ainda, exercitar-se «mantendo a regra de que aquilo que ainda não for claro para a nossa inteligência nos não afaste da firmeza da fé»<sup>53</sup>, de modo a questionar «a partir de que analogia ou de que comparação com coisas conhecidas

<sup>51</sup> Ibidem, VIII, 10,14.

<sup>52</sup> Ibidem, VIII, 9,13.

<sup>53</sup> Ibidem, VIII, 1,1.



acreditamos nós, para amarmos o Deus que ainda não conhecemos [...]»<sup>54</sup>.

Com efeito, no instante da investigação agostiniana em que se refletiu sobre o conhecimento de Deus pela fé, que age no amor, «brilhou um pouco uma trindade, isto é, aquele que ama, aquilo que é amado, e o amor»<sup>55</sup>. Contudo, a *lux ineffabilis* tornou-se de tal modo intensa que, incapaz de se fixar neste esplendor, o espírito voltou-se para si na esperança de encontrar em si mesmo, imagem e semelhança de Deus, um vestígio da Trindade. Destarte, a via anagógica seguida por Agostinho em parte da obra *De Trinitate* não encerra o problema de Deus. Todavia, em Agostinho, a fé que age no amor se faz uma exigência *sine qua non* para investigação do *mysterium Trinitatis*.

<sup>54</sup> Ibidem, VIII, 5,8.

<sup>55</sup> Ibidem, XV, 6,10.

## Referências bibliográficas

### Primária

Saint Augustin, «Les révisions», in *Oeuvres de Saint Augustin*, v. 10, trad. par G. Bardy, Desclée de Brouwer, Paris 1950.

\_\_\_\_\_, «La Ordre», in *Oeuvres de Saint Augustin: Dialogues philosophiques*, v. 4/ 2, traduction par J. Doignon, Desclée de Brouwer, Paris 1997.

San Agustín, «Carta CLXXIV», in *Obras de San Agustín: Cartas*, tomo XI, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1953, pp. 553-555.

\_\_\_\_\_, «Tratados sobre el Evangelio de San Juan», in *Obras de San Agustín*, tomo XIII, trad. de T. Prieto, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1955.

\_\_\_\_\_, «Tratados sobre el Evangelio de San Juan», in *Obras de San Agustín*, tomo XIV, trad. de T. Prieto, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1965.

\_\_\_\_\_, «Sermón CXVII», in *Obras de San Agustín: Sermones (3) 117-183, Evangelio de San Juan, Hechos de los Apóstoles y Cartas*, tomo XXIII, trad. de A. del Feuyo y P. de Luis, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1983, pp. 3-24.

\_\_\_\_\_, «Carta CXX», in *Obras de San Agustín: Cartas*, tomo VIII, trad. de L. Cilleruelo, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1986, pp. 889-910 (3.ed).

Santo Agostinho, *O livre arbítrio*, trad. de N. de A. Oliveira, Paulus, São Paulo 1995 (2.ed.).

\_\_\_\_\_, *Confissões*, trad. de A. do Espírito Santo, J. Beato, M. C. de S. Pimentel, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2001.

\_\_\_\_\_, *Trindade – De Trinitate*, trad. de A. do Espírito Santo, D. L. Dias, J. Beato e M. C. de S. Pimentel, Paulinas, Prior Velho 2007.

### **Secundária**

Blázquez, N., «El concepto de sustancia según San Agustín: los libros *De Trinitate*», *Augustinus*, 14 (1969) 305-350.

Fitzgerald, A. D., *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*, Editorial Monte Carmelo, Burgos 2001.

Lancel, S., *Saint Augustin*, Arthème Fayard, Paris 1999.

Marion, J.-L., «Christian Philosophy and Charity», *Communio: International Catholic Review* 19, 3 (1992) 463-473.

Matthews, G. B., «Fé e razão», in Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo, trad. de Á. Cabral, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2007, pp. 135-148.

Mellet, M. – Camelot, T., «Introduction de la Trinité», in Saint Augustin, *Oeuvres de Saint Augustin: La trinité: livres I-VII*, trad. par M. Mellet et Th. Camelot, Institut d'Etudes Augustiniennes, Paris 1997, pp. 7-76.

Rosa, J. M. S., «Introdução», in Santo Agostinho, *Trindade – De Trinitate*, Prior Velho 2007.

\_\_\_\_\_. *Vês verdadeiramente a Trindade se vês o amor*, Universidade da Beira Interior, Covilhã 2008.

Souza, L. B. de, *A fé trinitária e o conhecimento de Deus: estudo do De Trinitate de Santo Agostinho*, Ed. Loyola, São Paulo 2013.

Teixeira, E. B., *Imago Trinitatis: Deus, filosofia e felicidade. Um estudo teológico sobre o De Trinitate de Santo Agostinho*, EDIPUCRS, Porto Alegre 2003.

#### **Complementar**

*Bíblia Sagrada Almeida Século 21*, Edições Vida Nova, Editora Hagnos, São Paulo 2008.

*Bíblia de Jerusalém*, Paulus, São Paulo 2002 (Nova edição, revista e ampliada).

João Paulo II, «Fides et ratio», URL: Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)> (Consultado em 2014.03.08).

Mora, J. F. *Dicionário de filosofia*, trad. de M. S. Gonçalves, et al., Ed. Loyola, São Paulo 2001.

Pastor, F. A., *Il Dio della rivelazione*, in Latourelle, R., *Dizionario di teologia fondamentale*, Cittadella Editrice, Assisi 1990.

Platão, *A República*. trad. de C. A. Nunes, EDUFPA, Belém 2000 (3ª ed. revisada).

Ratzinger, J., *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*. trad. de A. J. Keller, Ed. Loyola, São Paulo 2005 (7.ed.).

Vaz, H. C. de L., *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, Ed. Loyola, São Paulo 2000.

Wright, R. E., «Mística», in A. Fitzgerald (org), *Agostinho através dos tempos. Uma enciclopédia*, Martins Fontes, São Paulo 2019.